

# A desconstrução da Filosofia no pensamento de Frantz Fanon

Fábio Borges-Rosario<sup>114</sup>

## Resumo

Apresento neste artigo os passos assentados rumo a descolonização e desconstrução do ensino de Filosofia. A leitura de Frantz Fanon chega na pesquisa como abalo ao prescrito na legislação antirracista quando compromete as pessoas na condição de regentes de turmas tanto na educação básica quanto no ensino superior a ensinar com filósofos africanos e da diáspora. Fanon reúne em seu pensamento tanto as questões das pessoas da África quanto da América, num diálogo que também convida para a gira as pessoas da Ásia, da Oceania e da Europa.

**Palavras-chave:** Colonização; Neocolonização e Descolonização.

## Résumé

Dans cet article, je présente les démarches entreprises vers la décolonisation et la déconstruction de l'enseignement de la philosophie. La lecture de Frantz Fanon arrive dans la recherche comme un choc par rapport à ce qui est prescrit dans la législation antiraciste lorsqu'elle engage les gens, en tant que leaders de classe, tant dans l'éducation de base que dans l'enseignement supérieur, à enseigner avec des philosophes africains et de la diaspora. Fanon rassemble dans sa pensée les problématiques des peuples d'Afrique et d'Amérique, dans un dialogue qui invite également à participer les peuples d'Asie, d'Océanie et d'Europe.

**Mots-clés:** Colonisation; Néocolonisation et Décolonisation.

## Abrindo a gira

*Programa, estratégia e táticas. Nosso mundo está com extrema necessidade de uma nova universalidade insurgente. Somos capazes de produzi-la; todos somos, por definição. O que nos falta é um programa, estratégia e táticas. Se deixarmos de lado o refúgio da identidade, essa discussão poderá começar.*

Asad Haider, *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje.*

Neste artigo, delimito a investigação aos filósofos modernos que nasceram no continente americano. Tateio a obra de Frantz Fanon; filósofo nascido na Martinica, então colônia ultramarina francesa. Ao privilegiar nesta leitura as obras de Fanon não intenciono silenciar as importantes obras de Aimé Césaire, bell hooks, Edwidge Danticat, Martin Luther King Jr. Angela Davis, Frederick Douglass, Carter G. Woodson etc. Reconheço que somos herdeiras de todas as pessoas que lutaram pela libertação das etnias que foram colonizadas.

---

<sup>114</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor na Seeduc-RJ (Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares e CEJA - Itaboraí). E-mail: professorborgesrosario@gmail.com

Ressalto que a brevidade deste texto impõe a leitura atenta daquele autor e declaro que a leitura é positivamente assombrada pelas leituras dos demais.

Destino a escrita a todas as pessoas amigas do saber. Apelo à reconciliação com aquelas que nos consideram inimigas e querem nos segregar ou exterminar. Convido a reconsideração daquelas que nos consideram aliadas, mas desejam segregar ou exterminar aquelas que não concordam com suas prescrições. E deuto o comprometimento e fortalecimento da solidariedade com as que deputam à hospitalidade in-condicional.

Anoto que inúmeras amigas (algumas que nos consideram inimigas, outras que nos consideram aliadas e as que nos contam entre as amigas) estarão presentes nas linhas de nosso diálogo, mesmo as que estarão formalmente ausentes devido a economia textual. Falo da presença espectral, da ausência como um gesto de reconhecimento que cada obra que conhecemos espectraliza nossa reflexão. Mortas ou vivas – convivemos com todas as autoras que lemos em nossa trajetória intelectual.

Vejo a realidade como o desenvolvimento de experiências. Sei que as pessoas neocolonialistas e supremacistas querem nos entuchar, isto é, querem que suportemos calados os descatos sem reagirmos ou sem nos manifestarmos; mas, prefiro arrostar, isto é, enfrentar destemidamente as ameaças neocolonialistas e supremacistas. Opto pela resistência, pela re-existência e pela luta até que chegue à América por-vir.

Compreendo a escola, a universidade, as aldeias, os quilombos, as favelas, etc. como espaços de enunciação da América por-vir. Locais onde acontecem experiências potencializadoras da luta contra a colonização e a neocolonização, assim como, de onde saem as pessoas que apelam à solidariedade entre as combatentes da desumanização produzida pela empresa colonialista e neocolonialista em escala global. Agentes que recusam a aristocracia, plutocracia, a oligarquia ou qualquer forma de governo que segregue pessoas ou coletividades humanas, isto é, comprometem-se com a democracia como rota para a chegada global do autogoverno e da autonomia de cada pessoa humana.

Percebo que as pessoas que comprometem-se com a democratização, isto é, engajam-se com a educação dos pobres, dos oprimidos, dos excluídos do projeto da Euroamérica ou Ameuropa, buscam a resistência aos epistemicídios praticados pelos ameuropeus. As excluídas daquele projeto desvelam as heranças ameríndias, africanas, asiáticas e oceânicas que contribuíram e contribuem para a formação da América por-vir. E se afirmam como herdeiras da produção teórica e da prática transformadora legada em arquivos orais e escritos, seculares e míticos, científicos e religiosos, poéticos e filosóficos das anticolonialistas.

## As ancestralidades apontam o caminho

Proponho que descolonizar é acertar um homem ontem um com a flecha que foi atirada hoje; acolher a ancestralidade e ouvir suas histórias, identificar que a descolonização é anunciada desde que ecoaram as vozes ancestrais de Sojourner Truth e Olympe de Gouges, pilares na defesa da extensão incondicional dos “direitos humanos” a todas as pessoas. E seguir os passos, trilhando os caminhos da solidariedade e cooperação na construção do conhecimento individual e coletivo.

Aponto que as pesquisadoras que reconhecem que método é caminho e que metodologia é o estudo dos caminhos lembram que todo caminho leva a encruzilhada. Encruzilhadas forçam as decisões, escolhas são feitas assombradas pelo passado e futuro inseparáveis pela instantaneidade do presente. Presente que escapa a presentificação, mas cuja instantaneidade é incomensuravelmente percebida pelo assombro das heranças que a pessoa no momento da decisão escolherá legar ao futuro.

Segundo Muniz Sodré em “Conhecimento e metodologia”:

O que significa isto? Para os autores, que determinados fenômenos de algum modo “escolhem” os horizontes dentro dos quais aparecem. “As propriedades de um observador precisam ser consistentes com as propriedades dos objetos observados. Nesse sentido, o universo traz impressa em si a imagem de um observador. Assim que uma observação é realizada, portanto, o observador pode reconstituir uma história consistente do objeto em questão, como se tivesse uma existência própria anterior à observação”<sup>115</sup>, diz o manifesto (SODRÉ, 2003, p. 29).

Assevero que respeitar quem nos possibilitou chegar aonde chegamos como imperativo categórico solicita a Ética e Política eurorreferenciada. Escolher a herança assentada nos territórios de resistência à ocupação e a colonização como estratégia descolonizadora. Enxergar nas dobras e cinzas da colonização e da neocolonização a encruzilhada que possibilita a chegada da democracia por-*vir*.

Reverenciar a obra de Beatriz Nascimento<sup>116</sup> e Lélia Gonzalez<sup>117</sup> como assentamentos na porta das Faculdades de Filosofia remete para as corporeidades consideradas estrangeiras pelas neocolonialistas. As duas, pilares da intelectualidade amefricana em terras brasileiras lançaram suas reflexões e questionamentos como aporias para uma comunidade filosófica formada pela cegueira eurocêntrica. A cegueira formativa dos bancos europeus importados e reproduzidos nas salas brasileiras segrega a alteridade, recusa a proximidade e resiste à reconciliação com a humanidade.

<sup>115</sup> O autor faz referência ao manifesto resultante de um congresso realizado na Universidade de Stanford e publicado pelo “Caderno Mais”, da *Folha de São Paulo*, de 24 de novembro de 2002.

<sup>116</sup> 2021.

<sup>117</sup> 2020.

Guilles Deleuze<sup>118</sup>, numa entrevista em 1988, anunciou a invenção ou criação de conceitos como a tarefa da filosofia. Anteriormente, Beatriz Nascimento em “Negro e racismo”<sup>119</sup>, publicado na *Revista de Cultura Vozes*, enuncia a criação e invenção de conceitos como tarefa da intelectualidade negra. A intelectual percebeu os limites dos conceitos produzidos pelas europeias quando se pretende observar, analisar, descrever, participar e compartilhar as experiências amefricanas.

De acordo com Beatriz Nascimento:

Tomando como exemplo esses três conceitos poderemos demonstrar como se torna difícil para o negro que se propõe a estudar a discriminação racial (e não só ela em si, mas toda a história do negro brasileiro) conceituar do seu ponto de vista sua situação e suas aspirações dentro da sociedade dominante. Torna-se ainda mais difícil construir sua metodologia desse estudo, pois, impregnado de uma cultura em todos os sentidos branca e europeizada, se faz necessário perguntar a si próprio se determinados termos correspondem à sua perspectiva, se não são somente reflexos do preconceito, repetidos automaticamente sem nenhuma preocupação crítica. Ou seja, se não estamos somente repetindo os conceitos do dominador sem nos perguntarmos se isso corresponde ou não à nossa visão das coisas, se esses conceitos são uma prática, e, caso sejam uma prática, se isso é satisfatório para o negro. Somos aceitos por quem? Para quê? O que muda ser aceito? O que é ser igual? A quem ser igual? É possível ser igual? Para quê ser igual? (NASCIMENTO, 2021, p. 53-54).

Lélia Gonzalez em “A categoria político-cultural da amefricanidade” ensina que a amefricanidade é a cultura constituída pela confluência das etnias africanas traficadas para a América. Aportadas tanto no sul quanto no norte e nas ilhas do continente ou migradas de uma região para outra, identificam-se os traços e rastros de sua presença nos idiomas, nas culinárias, nas danças, nas religiosidades, etc. nos países do continente. Empregadas como mão de obra escravizada, consideradas como perigosas para a estabilidade da empresa colonial quando formavam os quilombos, *cimarrones*, etc.; lutaram pela independência dos países ao lado das pessoas brancas e foram traídas quanto a extensão da cidadania quando as constituições nacionais foram escritas e aprovadas. Nas palavras de autora:

Essas e muitas outras marcas que evidenciam a presença negra na construção cultural do continente americano me levaram a pensar a necessidade de elaboração de uma categoria que não se restringisse apenas ao caso brasileiro e que, efetuando uma abordagem mais ampla, levasse em consideração as exigências da interdisciplinaridade. Desse modo, comecei a refletir sobre a categoria de amefricanidade (GONZALES, 2020, 129).

### A recepção brasileira da obra de Frantz Fanon

Relembro as palavras de Lewis R. Gordon no prefácio de *Pele negra, máscaras brancas* ao falar sobre a recepção do pensamento fanoniano na América [do Sul e do Norte]. Segundo o autor:

<sup>118</sup> Sobre a Filosofia. In: DELEUZE, 173-198, 1992.

<sup>119</sup> In: Nascimento, p. 47-54, 2021.

Houve uma época em que um professor universitário norte-americano que tentasse abordar a obra de Frantz Fanon em um ambiente acadêmico estaria sujeito a perder o emprego. Naqueles anos turbulentos das décadas de 1960 e 1970, a situação era diferente na América do Sul. No Chile por exemplo, as ideias de Fanon estavam sendo ensinadas nas salas de aula, e uma leitura cuidadosa da *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire revela o quanto essa obra sofreu a influência de Fanon. Nos anos de 1990 era possível estudar Fanon e Freire em cursos como Teologia Política, Filosofia da Libertação e Pensamento Social e Político, e os estudiosos em todo o mundo estão agora compreendendo a relação entre Fanon e outros intelectuais brasileiros como Alberto Guerreiro Ramos e Abdias do Nascimento. Esta tradução de *Peau noire, masques blancs* não é, portanto, a primeira vez que Fanon será ouvido no mundo lusófono (In: FANON, 2008, p. 11).

Anoto que acolher Frantz Fanon como filósofo abala o legado das primeiras leituras brasileiras impulsionadas pelo prefácio de Sartre a obra *Os Condenados da Terra*<sup>120</sup>. A cegueira neocolonial reduziu a análise da obra a clausura do conflito ideológico e militar entre o ocidente e o leste europeu. Reduzido a militante do outro cabo, Fanon chega ao Brasil como a voz subalterna que denuncia as atrocidades da colonização e apela à solidariedade europeia na luta pela descolonização política da África e Ásia.

Leio o prefácio “A linguagem da revolução: Ler Frantz Fanon desde o Brasil” de Thula Rafaela de Oliveira Pires, Marcos Queiroz e Wanderson flor do nascimento:

FRANTZ FANON INSISTIU na ideia de que cada geração deveria descobrir sua missão. Cumpri-la ou trai-la. Na sua intensa, breve e extraordinária vida, fez da destruição do colonialismo tarefa primordial, juntando-se ao destino da maioria do mundo que buscava romper com os sustentáculos da dominação. Dedicou textos, lágrimas, suor, discursos, tratamentos clínicos, armas, livros e a própria saúde a esse fim. *Os condenados da terra*, publicado poucos dias antes da sua morte, em 1961, é a síntese do conhecimento acumulado de alguém que viveu pela e para a revolução. Tornou-se, assim, leitura fundamental dos movimentos anti-imperialistas ao redor do globo e um dos escritos mais influentes do século XX. Fanon pôs em palavras aquilo que acreditava ser a tarefa da sua geração (In: FANON, 2022, p. 7).

E, assino o prefácio de Deivison Mendes Faustino em *Escritos políticos*. Segundo o autor:

A pergunta que se pode fazer, quando se considera o contexto brasileiro contemporâneo, é: “Qual a relevância de se retomar o pensamento de Frantz Fanon, um revolucionário, em um período tão crítico como o nosso, e em que a revolução não se encontra mais na ordem do dia?”. É possível que a leitura destes *Escritos políticos* ofereça várias pistas interessantíssimas para respondê-la; porém, se seguirmos as trilhas – bastante alteradas pelo tempo, é bom que re reconheça –, a tarefa da resposta ficará a cargo de cada geração. A busca por respostas, no entanto, não logrará êxito se não acertamos as contas com uma série de equívocos que foram cometidos no passado e se repetem em um *loop* infinito nos novos contextos históricos (In: FANON, 2021b, p. 20-21).

Proponho a rasura da leitura reducionista do pensamento fanoniano como um gesto de desvio do legado que coloniza a Filosofia e lembro que a legislação antirracista compromete as pesquisadoras e docentes da educação básica, do ensino superior e da pós-graduação com o

<sup>120</sup> FANON, 1979; 2022.

ensino de filósofos africanos e da diáspora. Legislação que exige uma performance que evita as querelas que dividem as leitoras de Frantz Fanon e produzem o engeguencimento das dobras de seu texto. A rasura das leituras reducionistas aparece quando se entende as proximidades e distanciamentos entre as leitoras da obra fanoniana como apelo a disseminação de seu pensamento e aprofundamento das questões e reflexões que apresentou.

Arregimento a apresentação “Fanon: uma filosofia para reexistir” de Renato Nogueira em *Alienação e liberdade*. Conforme o autor:

A práxis revolucionária pela descolonização da periferia do capitalismo é um aspecto da filosofia de Fanon que ganhou muito destaque. No entanto, sem se esquivar da centralidade do tema na obra do autor, há outros aspectos marcadamente relevantes em seu pensamento. A resistência não se dá somente pela luta armada, pois a colonização não é apenas política e social: tem uma natureza profunda e silenciosa, apresenta raízes psicológicas que não se deixam enxergar a olho nu (In: FANON, 2020, p. 11).

Impactou a recepção da obra de Frantz Fanon a tradução para o português das obras escritas na língua inglesa, francesa e espanhola que descrevem a recepção do autor na Palestina, Irã, Inglaterra, França, etc. Jean-Paul Sartre, Achille Mbembe, Edward Said et al. ousaram ler, prefaciá-lo, analisar e disseminar o pensamento de Fanon como tática descolonial e compromisso com a pluriversalidade. Os prefácios, cuja inseparabilidade acolhe e assombra a leitura, aproxima e afasta a leitora das dobras e rasuras que aparecem na obra de Fanon.

Jean-Paul Sartre ao escrever o prefácio de *Os condenados da Terra* aponta a urgência da descolonização do europeu, o abandono da suposta condição de colonizador que inspira o empreendimento colonial. O abandono do papel de colonizador como condição de possibilidade para a leitura da obra fanoniana, como abertura à reflexão sobre a descrição feita sobre os horrores da colonização e da apatia europeia diante da tragédia colonial. O prefácio sartriano provincializa a Europa e apaga a hierarquia entre a colonizadora e a colonizada; promete e compromete cada pessoa com a emancipação de todas as pessoas como condição para a libertação de cada uma.

Nas palavras de Jean-Paul Sartre:

AQUI FANON SE DETÉM. Ele mostrou o caminho: porta-voz dos combatentes, clamou pela união, pela unidade do continente africano, contra todas as discórdias e todos os particularismos. Seu objetivo foi atingido. Se ele quisesse descrever integralmente o fato histórico da descolonização, precisaria falar de nós, o que sem dúvida, não é seu propósito. Mas, quando fechamos o livro, ele continua dentro de nós, apesar do autor, pois experimentamos a força dos povos em revolução e respondemos com a força. Existe, portanto, um novo momento da violência, e, desta vez, temos de nos voltar para nós mesmos, pois ela está transformando, na medida em que o falso nativo se transforma através dela. Cada um conduza as suas reflexões como bem entender, contanto que reflita: na Europa de hoje, completamente aturdida pelos golpes que lhe são desferidos na França, na Bélgica, na Inglaterra, a menor distração do pensamento é uma cumplicidade criminoso com o colonialismo. Este livro não precisava absolutamente de um prefácio, menos ainda porque ele não se

dirige a nós. No entanto, eu o escrevi para levar até o fim a dialética: a nós europeus, também estão descolonizando. Isso significa que estão extirpando, por meio de uma operação sangrenta, o colono que habita dentro de cada um de nós. Examinemo-nos interiormente, se tivermos coragem, e vejamos o que nos acontece (SARTRE, 2022, p. 349).

Edward Said em *Cultura e imperialismo*<sup>121</sup> descreveu como aprendeu com Fanon a pensar a descolonização, a revisão e a desconstrução da representação ocidental do mundo não ocidental; a compreender a cidade colonial e a recusar a vida colonizada que as metrópoles impunham; a não confiar nos interesses das burguesias nacionalistas, já que tais interesses são escusos; a descobrir como ir além do imperialismo clássico e enxergar as afirmações nacionalistas; a perceber as aporias do eurocentrismo geográfico que confina e desumaniza o não-europeu; a escrever e denunciar na língua do colonizador a exploração colonial que financia o bem-estar e o progresso da Europa; a afirmar que a Europa é uma criação terceiro-mundista; a entender que a colonização e o imperialismo são uma desgraça cultural tanto para o colonizador quanto para o colonizado; a conscientizar as colonizadas que a descolonização não é concedida pelo colonizador; a proclamar e declarar que a luta política, cultural ou militar obriga o colonizador a entregar a administração aos combatentes anticoloniais; a desconfiar e denunciar os funcionários nacionalistas que foram treinados e autorizados pelas metrópoles a gerenciar a colônia; a não esquecer que a manutenção da estrutura e dos privilégios coloniais pode seduzir os funcionários nacionalistas que ocupam a burocracia colonial; a desconfiar que o nacionalismo e o nativismo podem frear a solidariedade e a cooperação entre as ex-colônias; e, a entender que a libertação não se limita a uma reação nativista gerada pela oposição entre o europeu e não-europeu.

Conforme Edward Said:

Se venho citando Fanon com tanta frequência, é porque, a meu ver, é ele quem expressa da forma mais intensa e decisiva a imensa guinada cultural do terreno da independência nacionalista para o domínio cultural do terreno da independência nacionalista para o domínio teórico da libertação. Essa guinada ocorre sobretudo nos países onde o imperialismo subsiste, depois que a maioria dos outros Estados coloniais já conquistou a independência: por exemplo, Argélia e Guiné-Bissau. Em todo caso, só é possível entender Fanon se compreendermos que sua obra é uma resposta a elaboração teóricas produzidas pela cultura do capitalismo ocidental tardio, recebida pelo intelectual nativo do Terceiro Mundo como uma cultura de opressão e escravização colonial. Toda a *œuvre* de Fanon consiste na tentativa de vencer a rigidez dessas mesmas elaborações teóricas com um ato de vontade política, de volta-las contra seus próprios autores de modo a conseguirem, nos termos que ele toma de empréstimo a Cesaire, inventar novas almas (SAID, 2011, 412).

---

<sup>121</sup> 2011.

Anoto que o abalo das primeiras leituras do pensamento fanoniano aparece com a tradução e publicação em língua portuguesa das obras *Peles negras, máscaras brancas*<sup>122</sup>, *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*<sup>123</sup>, *Por uma revolução africana: textos políticos*<sup>124</sup>, *Escritos políticos*<sup>125</sup>. A leitura de tais obras amplia o conhecimento sobre as reflexões e questões do pensador, possibilitando que a pessoa leitora identifique a vastidão de temas tratados e a disseminação de suas provocações.

Retomo a introdução “Fanon, psiquiatra revolucionário” de Jean Khalfa em *Alienação e liberdade*. Conforme o autor:

Os trabalhos psiquiátricos de Frantz Fanon costumam ser mencionados quando se comentam as passagens de seus livros sobre os efeitos psicológicos da colonização, mas esses textos, escritos entre 1951 e 1960, paralelamente à sua obra política e ao longo de sua carreira profissional de neuropsiquiatra, são pouco estudados em si ou pelo que dizem a respeito da evolução de seu pensamento. Há muitas razões para isso: sua natureza técnica, o interesse nunca desmentido de Fanon por terapias hoje frequentemente desacreditadas, como eletrochoques ou comas insulínicos (métodos que ele praticava e sobre os quais escreveu artigos científicos) ou, ainda, seus experimentos com os neurolépticos de primeira geração. Alguns também se incomodam com o fato de ele subordinar a psicanálise a uma abordagem neuropsiquiátrica mais geral, ao menos quando a considera de um ponto de vista clínico. Além disso, a riqueza e o impacto da obra política são tais, para uma vida curta, que é difícil acreditar que ele tenha tido tempo para produzir também uma obra científica de alguma importância. No entanto, ao lê-los em paralelo logo fica claro que a obra política encontra sua forma e seus fundamentos teóricos na obra científica (In: FANON, 2020, p. 21).

Lembro da introdução de Jean Khalfa em *Escritos políticos*. Conforme o autor:

Ora, nenhuma dessas listas corresponde exatamente à dos textos publicados em *Pour la Revolution africaine*. Publicamos neste livro, então, todos os artigos mencionados nessas diversas listas e não constantes da edição de 1964, assim como alguns outros que pelo menos nos parecem nutridos em boa parte pelo pensamento de Fanon, Será fácil encontrar aqui, em muitos momentos, seu estilo, sua insistência nos processos vitais atuantes em toda desalienação, seu interesse por uma consciência que só se forja libertando-se das identidades do passado, mas também revisitando-as, sua preocupação em prevenir a ossificação das estruturas revolucionárias e o neocolonialismo, e sua crença numa dimensão propriamente revolucionária do movimento nacional argelino. Nem por isso deixa de ser verdade que *El Moudjahid* era de fato um trabalho coletivo, o que sem dúvida foi também um atrativo para Fanon, e seu pensamento também se nutriu dele. De todo modo, a leitura desses textos permitirá ao leitor reviver a atmosfera que presidiu à escrita de *Os condenados da terra* (FANON, 2021b, p. 27).

A leitura das obras supracitadas de Frantz Fanon compromete as leitoras com a acolhida de seu pensamento como um gesto de reconhecimento da morada do autor na

---

<sup>122</sup> FANON, 2008.

<sup>123</sup> FANON, 2020.

<sup>124</sup> FANON, 2021a.

<sup>125</sup> FANON, 2021b.

comunidade ancestral brasileira<sup>126</sup>. Moradia proclamada por Lélia Gonzalez em “A categoria político-cultural da amefricanidade”. Segundo a autora:

As implicações políticas e culturais da categoria da amefricanidade (*Amefricanity*) são, de fato, democráticas, exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria da amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos iorubá, banto e o ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. Desnecessário dizer que a categoria de amefricanidade está intimamente relacionada àquelas de *pan-africanismo*, *négritude*, *afrocentricity* etc. (GONZALEZ, 2020, p, 134-135).

Assino a “Introdução à edição norte-americana de 2021” de Cornel West em *Os condenados da terra* como um convite a leitura da obra de Frantz Fanon. Nos termos do autor:

Nos tempos que vivemos, de decadência imperial e decrepitude capitalista (seja nos Estados Unidos, na China ou na Rússia) – incluindo a crise ecológica, a escalada do neofascismo e a xenofobia difusa (contra muçulmanos, árabes, judeus, gays, lésbicas e trans), além de uma profunda supremacia branca –, o espírito de Fanon está extremamente presente no meu contexto imperialista norte-americano, nas alas internacionalistas dos movimentos *Black Lives Matter* e *Palestinian Lives Matter*, alinhadas com as iniciativas do Movimento *BDS* (*Boucott, Divestment and Sanctions Movement*). Todavia, a tarefa de uma plena descolonização e total democratização, com genuínas opções socialistas, permanece inacabada. Não traímos a nossa missão – assim como Frantz Fanon nunca vendeu a alma nem traiu sua vocação profética! (In: FANON, 2022, p, 362-363).

A leitura de Frantz Fanon em *Os condenados da Terra* a descolonização é apresentada como a construção de uma nova humanidade, sem opressores e sem oprimidos. A reconciliação entre colonizadores e colonizados forjada pelo reconhecimento dos crimes contra a humanidade cometido pelos primeiros é anunciada como uma promessa e compromisso de ambos com a solidariedade e cooperação. Sendo a reconciliação uma invenção, a descoberta de novas formas de ser humano serão encontradas noutras paragens. Cientes que na Europa não serão descobertas as pistas para se pensar a nova humanidade, cabe conhecer as experiências da América, África, Ásia e Oceania. Segundo o autor:

Vamos, irmãos, temos trabalho demais para nos distrairmos com jogos ultrapassados. A Europa fez o que tinha de fazer e afinal o fez bem; deixemos de acusá-la, mas digamos-lhe firmemente que ela não deve mais continuar a fazer tanto barulho. Não temos mais que temê-la, deixemos, portanto, de invejá-la.

<sup>126</sup> Aconselho a leitura da resenha de Flavia Rocha de Deus. Sim, Fanon, novamente, no Brasil, principalmente: *Pele negra, máscaras brancas* (2020): In: *Anãnsi: Revista de Filosofia*, Salvador, v. 1, n. 2, p. 242-247, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/10482/7410> acesso em 21/08/2021.

O Terceiro Mundo hoje põe-se diante da Europa como uma massa colossal cujo projeto deve ser tentar resolver os problemas para os quais essa Europa não soube trazer soluções (FANON, 2022, p. 326).

Em *Peles negras, máscaras brancas*<sup>127</sup> trata do reconhecimento da humanidade das pessoas pretas como um desvio da outridade imposta pelas eurocentristas. As supremacistas eurocentradas imaginam uma teoria que lhes coloca como senhoras do mundo e as demais como inferiores, mas para efetivar suas práticas de inferiorização lançam mão de táticas diversas de convencimento intelectual e de práticas desumanizantes que incute nas pessoas dos outros cabos a vivenciarem a outridade. Segundo Frantz Fanon a libertação da desumanização, o caminho para o reconhecimento da própria humanidade inicia com a rejeição da interiorização da noção de alteridade como não pertença à humanidade, pelo reconhecimento do pertencimento à espécie humana. Nos termos do autor:

O negro, mesmo sendo sincero, é escravo do passado. Entretanto sou um homem, e neste sentido, a Guerra do Peloponeso é tão minha quanto a descoberta da bússola. Diante do branco, o negro tem um passado a valorizar e uma revanche a encaminhar. Diante do negro, o branco contemporâneo sente a necessidade de recordar o período antropofágico. Há alguns anos, a Associação Lyonesa de Estudantes Ultramarinos da França me pediu para responder a um artigo que literalmente considerava o jazz uma irrupção do canibalismo no mundo moderno. Sabendo aonde ir, recusei as premissas do interlocutor e pedi ao defensor da pureza europeia para se desfazer de um espasmo que nada tinha de cultural. Certos homens querem inflar o mundo com o próprio ser. Um filósofo alemão descreveu este processo sob o nome de patologia da liberdade. No caso presente, eu não tinha de tomar posição a favor da música negra contra a música branca, devia ajudar meu irmão a abandonar uma atitude que nada tem de benéfica (FANON, 2008, p. 186-187).

Em “Traço de união”<sup>128</sup> admoesta quanto a relação entre memória e tradição na constituição da pessoa humana. Rompe tanto com a essencialização do lugar da memória na constituição da tradição quanto da temporalização da tradição na preservação da memória. Afirma que memória e tradição devem ser pensadas articuladas ao passado, presente e futuro das individualidades e das coletividades humanas como mobilizadoras do cotidiano. Conforme o autor:

Uma das coisas mais difíceis, tanto para uma pessoa como para um país, é manter sempre presentes diante dos olhos os três elementos do tempo: passado, presente e futuro. Ter em mente esses três elementos é atribuir uma grande importância à espera, à esperança, ao futuro; é saber que nossos atos de ontem podem ter consequências em dez anos e que, por isso, pode ser necessário justificá-los; daí a necessidade da memória, a fim de realizar essa união de passado, presente e futuro (FANON, 2020, p. 264-265).

“Racismo e cultura”<sup>129</sup> situa os povos que obtêm a libertação política na encruzilhada cultural da restância do confronto e do enriquecimento resultante da confluência da cultura do

<sup>127</sup> FANON, 2008.

<sup>128</sup> FANON, p. 261-267, 2020.

<sup>129</sup> FANON, p. 69-84, 2021a; In: MANOEL; LANDI, 2019, p. 64-79.

povo ocupante com a etnia que resistiu a ocupação. Na medida em que a tradição possibilitou a re-existência ou que a tomada por empréstimo dos valores da ocupante cimentou a resistência; às populações politicamente libertas encontram-se tanto ameaçadas pelas tentativas de neocolonização quanto pelas expectativas de restauração das tradições. A libertação digna deste nome, entretanto, coloca-se na gira da reconciliação da humanidade tanto das pessoas colonizadas quanto das colonizadoras, num gesto de compromisso com a solidariedade e cooperação humanas que solidifica a universalidade da luta contra o racismo. Nas palavras do autor:

O fim do racismo começa com uma súbita incompreensão.

Liberta, a cultura contraída, espasmódica e rígida do invasor se abre enfim à cultura do povo que se tornou realmente irmão. As suas culturas podem confrontar-se, enriquecer-se.

Em conclusão, a universalidade reside nessa decisão de assumir o relativismo recíproco de culturas diferentes, uma vez excluído irreversivelmente o estatuto colonial (FANON, 2021, 84).

### **A disseminação por-vir do pensamento de Frantz Fanon**

Lembro que Leibniz quando trata dos graus de assentimento em *Novos ensaios sobre o entendimento humano*<sup>130</sup> afirma que podemos - ou deveríamos? - suspender o assentimento quando novas razões aparecem e abalam a conclusão assentada nos elementos até então conhecidos. Considerar que novos elementos podem aparecer durante a pesquisa ou após a conclusão remete para a limitação, brevidade e economia como espectros de toda pesquisa. Toda pessoa quando reflete sobre uma questão deve lembrar-se da impossibilidade (temporal, espacial, arquivística, etc.) de conhecer a totalidade. A conclusão anunciada por uma pesquisadora reflete o fechamento das reflexões sobre o conteúdo abarcado e ao mesmo tempo mantém entreaberto o chamamento a que a própria pessoa ou suas destinatárias (contemporâneas ou futuras) identifiquem nas aporias do texto o chamado a busca por elementos que confirmem o assentimento do enunciado ou que procurem novas provas que refutam ou ampliam a conclusão assentada.

Considero que descolonizar é abalar o arquivo oral e escrito da filosofia europeia. Gingar com estes conhecimentos, feri-los de morte sem matá-los. Na luta contra-colonial queima-se a verdade sem apresentar novas verdades, mas mantêm-se as cinzas para evitar o esquecimento do que é imperdoável. Entendo que a descolonização caminha com a desconstrução, isto é, com a inversão dos pares binômicos do logocentrismo, com a submersão

---

<sup>130</sup> 1992.

do que é valorizado pelo europeu hostil e com a emersão dos saberes ancestrais dos outros cabos.

Nesta rota, busco na obra de Frantz Fanon elementos que possibilitam verificar as respostas fornecidas pela filosofia europeia e disseminadas como válidas para as questões elaboradas pelas pessoas no Brasil. Talvez a leitura confirme a validade das respostas metropolitanas ou tragam contra-argumentos que refutam ou ampliam a herança colonial. Em todo caso, parece que temos a possibilidade de ampliar o repertório filosófico ocidental com questões outras pensadas desde outras paragens, formuladas pelas combatentes da opressão colonial e da neocolonização.

A Filosofia da Economia no rastro de *Os condenados da Terra* se ouvir que:

Agitando o Terceiro Mundo como uma maré que ameaçasse submergir toda a Europa não se logrará dividir as forças progressistas que pretendem conduzir a humanidade rumo à felicidade. O Terceiro Mundo não pretende organizar uma imensa cruzada da fome contra toda a Europa. O que espera daqueles que o mantiveram durante século na escravidão é que o ajudem a reabilitar o homem, a fazer triunfar o homem por toda parte, de uma vez por todas.

É claro, porém, que não somos ingênuos a ponto de acreditar que isto se fará om a cooperação e a boa vontade dos governos europeus. Esse trabalho colossal que consiste em reintroduzir o homem no mundo, o homem total, há de ser feito com o auxílio decisivo das massas europeias que, como elas mesmas precisam reconhecer, muitas vezes se alinharam às posições de nossos senhores comuns em relação aos problemas coloniais. Para isso, é preciso primeiro que as massas europeias decidam despertar, sacudir o cérebro e parar de tomar parte no jogo irresponsável da Bela Adormecida (FANON, 2022, p. 100-101).

Compreenderá a descolonização como uma ruptura da exploração econômica dos territórios ocupados. Exploração que locupleta as burguesias e subsidia o bem-estar social do operariado e campesinato metropolitanos. O rompimento de tal relação impacta tanto a vida nas metrópoles quanto nos territórios coloniais ou neocolonizados. Pois, a libertação digna desse nome chega quando os colonizadores reconciliam-se com os colonizados e abandonam as estratégias de colonização e de neocolonização.

A Antropologia Filosófica nos passos assentados por *Peles negras, máscaras brancas*<sup>131</sup> se escutar que:

Que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a servidão do homem pelo homem. Ou seja, de mim por um outro. Que me seja permitido descobrir e querer bem ao homem, onde quer que ele se encontre.

O preto não é. Não mais do que o branco.

Todos os dois têm de se afastar das vozes desumanas de seus ancestrais respectivos, a fim de que nasça uma autêntica comunicação. Antes de se engajar na voz positiva, há a ser realizada uma tentativa de desalienação em prol da liberdade. Um homem, no início de sua existência, é sempre congestionado, envolvido pela contingência. A infelicidade do homem é ter sido criança.

---

<sup>131</sup> FANON, 2008.

É através de uma tentativa de retomada de si e de despojamento, é pela tensão permanente de sua liberdade que os homens podem criar as condições de existência ideais de um mundo humano.

Superioridade? Inferioridade?

Por que simplesmente não tentar sensibilizar o outro, sentir o outro, revelar-me outro?

Não conquistei minha liberdade justamente para edificar o mundo do Ti?

Ao fim deste trabalho, gostaríamos que as pessoas sintam, como nós, a dimensão aberta da consciência.

Minha última prece.

Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! (FANON, 2008, p. 191).

Solicitará a Ética e a Filosofia da Cultura se tomar o reconhecimento da humanidade de cada pessoa como um desvio da outridade imposta pelas eurocentristas. Abandonar as teses supremacistas cujos ecos ressoam tanto nas vozes das neocolonialistas quanto das restauracionistas que conjunturalmente aliam-se para dissipar os apelos pela reconciliação da humanidade consigo mesma e com a demais espécies, pela preservação do planeta, pela implementação dos direitos humanos, pela solidariedade e cooperação entre as etnias, etc. Grito pela plena libertação e fim de toda e qualquer forma de opressão.

A leitura de “Traço de união” aponta que na busca pela descolonização da Filosofia do Turismo, da Filosofia da História, da Filosofia da Museologia e da Filosofia da Arquivologia se auscultar que:

Contudo, a memória não deve ser predominante na pessoa. A memória é, com frequência, a mãe da tradição. Ora, se é bom ter uma tradição, também é bom superar essa tradição para inventar um novo modo de vida. Quem considera que o presente não tem valor e que somente o passado deve nos interessar é, em certo sentido, uma pessoa a quem faltam duas dimensões e com a qual não se pode contar. Quem acha que é preciso viver o agora com todo o ímpeto e que não devemos nos preocupar com o amanhã nem com o ontem pode ser perigoso, pois crê que cada minuto é separado dos minutos vindouros ou dos que o precederam e que não existe nada além dele mesmo no planeta. Quem se desvia do passado e do presente, quem sonha com um futuro longínquo, desejável e desejado, também se vê privado do terreno contrário cotidiano sobre o qual é preciso agir para realizar o futuro desejado. De modo que, como se pode ver, uma pessoa deve sempre ter em conta o presente, o passado e o futuro (FANON, 2020, p 265).

Considerará a importância do passado, do presente e do futuro na constituição das pessoas e das coletividades. Nesta direção a valorização das histórias e narrativas de resistência das comunidades ao empreendimento colonial enfrenta o silenciamento produzido pelas histórias e narrativas disseminadas pelo discurso colonizador. As narrativas de re-existência engajam as descendentes amefricanas e ameríndias no processo quinhentenário de luta pela igualdade etnopigmentar na área jurídica e pela equidade cidadã.

Advertida pela leitura de “Condutas confessionais na África do Norte (1)<sup>132</sup>” a Filosofia da Segurança Pública se entender que:

<sup>132</sup> Idem, p. 236-240.

Assim, no momento do exame, o perito está na presença de um homem lúcido, coerente, que afirma a própria inocência. A assunção do ato e, a seguir, a anuência à sanção, a adesão à condenação e a própria culpabilidade seguem completamente ausentes. A verdade do criminoso não pode ser obtida pelo perito. Talvez possamos nos aproximar desse sistema ontológico que nos escapa ao nos perguntarmos se o autóctone muçulmano estabeleceu algum compromisso com o grupo social que ora o mantém sob seu poder. Por acaso ele se sente vinculado por um contrato social? Sente-se excluído por sua falta? Se sim, de qual grupo? Do europeu? Do muçulmano? Que significado terão dali em diante seu crime, a instrução do processo e, por fim, a sanção? (FANON, 2020, p. 239).

Encontrará os elementos conceituais para despigmentar o olhar policial. Entender que a estigmatização dos corpos pretos e pardos como criminosos é uma das restâncias da colonização sinaliza porque tais corpos lotam os presídios. Recusar a criminalização *a priori* de corpos negros, pardos, marrons, amarelos, femininos, trans como gesto de apelo a hospitalidade in-condicional aponta a descolonização da segurança pública como um dos passos do compromisso com a democracia por-vir.

### Entrecerrar

A acolhida de Frantz Fanon como ancestral da intelectualidade amefricana no Brasil apresenta-se como gesto rumo a descolonização e desconstrução do ensino de Filosofia. Assentá-lo nas salas de aula conjura as pessoas supremacistas que insistem na neocolonização. Ouvi-lo possibilita que se identifique nas dobras da sua herança filosófica a chegada da desconstrução do eurocentrismo e nos cantos insurgentes das amefricanas a promessa de travessia rumo a hospitalidade in-condicional.

Frantz Fanon chega na pesquisa filosófica como abalo ao prescrito na legislação antirracista, reunindo em si tanto a experiência do filósofo nascido na diáspora quanto do filósofo que viveu e escreveu na África, sobre a África e com as africanas. Descreveu tanto os efeitos do paradigma etnopigmentar quanto do etnorreligioso na América, na África, na Ásia e na Europa. Conclamou a solidariedade e cooperação internacional como tática de resistência às tentativas de frear a descolonização e neocolonizar os povos libertos.

Reúne em seu pensamento tanto as demandas quanto as questões das pessoas da África quanto da América, num diálogo que também convida para a gira as pessoas da Ásia, da Oceania e da Europa que anseiam pela descolonização e pela desconstrução. Pessoas que desconfiam do alinhamento automático na luta contra o imperialismo das teses que preservam a desumanização ou inferiorização da pessoa ou coletividades não-europeias. E que conclamam a solidariedade e cooperação entre os povos como o caminho para a autonomia e o autogoverno.

Seguindo os passos de Frantz Fanon, afirmo que a descolonização não chegou à América, na Ásia, na Oceania e na África através das categorias propostas desde a Europa. Digo

que a liberdade digna deste nome não se restringe ao evento de declaração da soberania política de um povo e nem à promulgação constitucional dos direitos humanos. E anuncio que a liberdade e a democracia são do campo do por-vir.

Pois, a democracia por-vir chega e assenta o seu lugar aonde o in-condicional, a invenção, o dom, o perdão, a hospitalidade, a justiça, a amizade e a desconstrução e a descolonização podem ser anunciadas. Isto é, a desconstrução da colonialidade e a descolonização do pensamento é anunciada nas senzalas, aldeias, quilombos, favelas, periferias, rodas de samba, bailes funk, quimbandas, umbandas, candomblés, mesquitas, sinagogas, igrejas etc.

### Referências

DELEUZE, Guilles. **Conversações** (1972-1990). Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FANON, Franz. **Os condenados da Terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

\_\_\_\_\_. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

\_\_\_\_\_. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: UBU, 2020.

\_\_\_\_\_. **Por uma revolução africana: textos políticos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2021a.

\_\_\_\_\_. **Escritos políticos**. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Boitempo, 2021b.

\_\_\_\_\_. **Os condenados da Terra**. Tradução de Lígia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

MANOEL, Jones; LANDI, Gabriel (Orgs.) **Revolução africana: uma antologia do pensamento marxista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de bolso, 2011.

SODRÉ, Muniz. Conhecimento e metodologia. In: **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 152, janeiro-março de 2003, p. 21-31.